

ALVORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 38 do 4.º Ano—N.º 188

Editor, Abel de Vasconcelos Cardozo

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

S. da R., Cpitão L. A. Pina Guimarães

Redacção e administração, Rua da República

Guimarães, 3 de Julho de 1914

Comp. e impressão, Tip. Minerva Vimaranesse

Partido Republicano

Quando se annunciou que o sr. dr. Afonso Costa havia, não só equilibrado, mas obtido um saldo orçamental, muitos sinceramente não acreditaram, porque julgaram o facto um milagre, e nós já não vivemos em tempos de milagres. Seria possível? Não era possível. Se a República enctasse um periodo de extrema moralidade e honradez, talvez que daqui a alguns anos, quatro ou cinco, se alcançasse essa victoria. Talvez. Assim pensavam os homens sinceros, mas que desconheciam as energias de que era capaz a alma patriótica do sr. dr. Afonso Costa. Mas, dir-se ha, alguns republicanos que muito bem conheciam e noutros tempos admiravam o grande estadista declaravam que o saldo não passava de uma impostura, de um bluff para deslumbrar os incautos. É certo. Mas dêsse, uns consideravam a empresa impossivel de vencer, e outros, apesar de sentirem que o sr. dr. Afonso Costa era realmente o homem capaz do triunfo, e nele acreditando, compraziam-se, por méro expediente político, em negar a existência do saldo orçamental. E uns e outros, por invejas, ódios, politiquice corrilheira e despeitada, clamavam: impostura! mentira!

Todavia, os factos vieram successivamente provando que o saldo existia, que o saldo era uma verdade, que a vitória do sr. dr. Afonso Costa era um facto. Quando o sr. dr. Afonso Costa tomou conta do governo, em 10 de Janeiro, o deficit estava calculado, segundo uns, em 8.000 contos, segundo outros em mais de 6.000 contos. O sr. dr. Afonso Costa, depois de quatro dias de um trabalho esgotante, reduziu-o a 3.800 contos. Quer dizer, em quatro dias, diminuiu as despesas em 2.614 contos, sem prejudicar serviços nem ferir direitos de ninguém. Que não podia ser!—bradava a política de má morte. Tanto podia, que... pôde. O *Diário do Governo* de 28 de Agosto de 1913 publicava as contas da gerência de 1912-1913, acusando um saldo positivo de 111 contos. De Janeiro a Agosto a administração financeira (foi tam honrada e patriótica, que não já só o deficit de 3.000 contos desaparecera, como até se conseguira o saldo orçamental de 111 contos. Acabara o monstro vergonhoso, que parecia eterno, do deficit. Portugal respirava!

Assim se afirmava a obra do Partido Republicano Português—com actos, realizações, não com palavras. Essa obra proseguiria. Em 14 de Janeiro do ano corrente—pouco tempo antes de ser enredado o governo numa cabala inconfessavel—o sr. dr. Afonso Costa apresentava à câmara a sua proposta orçamental, computando o saldo em 3.392.764.72. Milagre? Não. Milagre era e é o homem de exceptionais facultades

de trabalho, de talento, de republicanismo e de patriotismo que tal facto realizava. Outros, os politicalhos de todos os matizes, gritaram:—burla, mentira! Os factos, sempre os factos, vieram demonstrar quem eram os mentirosos, quem eram os burles. Pelo apuramento global das contas vê-se que o saldo é de 3.741.824.796. Ora o saldo calculado em 14 de Janeiro pelo sr. dr. Afonso Costa foi de 3.392.764.72, aumentando por conseguinte o saldo em 349.060.24. Atente o pais inteiro nêstes factos, nêstes números! Considere quanto é grande a obra do Partido Republicano Português. Quer isto dizer que o cálculo, em Janeiro, foi feito por baixo, ao contrário do que espalhavam os politcantes.

E nem pode dizer-se agora que as receitas diminuíram, porque, tendo-se em conta a proporção das que já foram recebidas, reconhece-se que elas, ao contrário, tendem a aumentar, como hão de provar as contas da gerência efectiva a publicar em Outubro. Quanto ao cálculo das despesas, nada há também a dizer, por isso mesmo são despesas, cuja sofismação é impossivel. É o que lá está, porque não se pagam despesas a... menos. Eis a obra da República, eis a obra do Partido Republicano Português. Ai está a obra do sr. Afonso Costa. Atacam-no? Atacam. E por esse mesmo facto. Os monárquicos, porque a obra e o trabalho do sr. dr. Afonso Costa consolidaram a República e demonstraram a todo o mundo que o obstáculo à reabilitação da Pátria Portuguesa era justamente a monarquia. Mas com êsses não discutimos. Eles não tem o direito de discutir êstes factos connosco. São gente sem vergonha, nem honra. Já sua obra de bandidos não pode defrontrar-se, de longe mesmo, com a obra de honradez e de patriotismo da Republica! Os seus assaltos sabê-los há a República repelir convenientemente, por meios rápidos e eficazes. Falamos para o pais, para os patriotas, para os homens de bem! A proclamação da República era uma questão moral, que preciso foi resolver. Proclamou-se a República. Mas a República tinha necessidade de provar que possuía razão de ser, que era uma condição de vida e de brio para a nacionalidade portuguesa. Provou-o! As potências, ao proclamar-se a República, ou nos olharam desconfiadas ou hostilmente. Aguardavam a *débacle*? Talvez. Mas o Partido Republicano e o sr. dr. Afonso Costa demonstraram, com realizações, com actos positivos, com obras bem concretas, que a ruina da nação estava na monarquia e nos monárquicos. Viva o Partido Republicano Português! Viva a República!

ECOS

Jejum eleitoral

As gazetas da opposição ao regimen todas passam o «mot d'ordre» aos seus coligados para que se abstenham de votar nas próximas:

«Assistamos simplesmente como espectadores pacíficos, para que, sem responsabilidades, se algum dia a Patria perigar, possamos sofrer, mas sofrer corajosamente como inocentes» etc.

E' do «Echos...» esta falada de abstenção, pela qual se demonstra que eles estão dispostos a ser «espectadores pacíficos», a «sofrer corajosamente como inocentes»... em vez de se decidirem a salvar isto, por amor a isto, em quanto é tempo de salvar isto, já que a sua maior convicção é de que, sem eles, vai para o fundo—isto.

!Como se a indiferença eleitoral fôsse necessario propagande á-la num pais de indiferentes!

Solfa

E' usança das nossas filarmónicas, quando em arraiais, preferirem a música clássica das óperas à música simples e de sabor popular, como são as rapsódias de modas e cantares, de que o nosso cancionero é fértil—louvado Deus. Haja em vista que numa festança romarieira os gostos selectos, como os ouvidos delicados, tem ali representação minima. Quem domina um arraial enfeitado com bojudas pipas de rascante é o povo,—esse povo que acorre a elas para se emotivar por sensações fortes, alegres, e bizarras.

E' óptimo, sem dúvida, educar, aperfeiçoar, depurar o gosto das massas. Se, porém, os senhores regentes das bandas houvessem lido Gustavo Lebon, bem decerto melhor haveriam compreendido que a arte e o gosto se cultivam buscando do povo a sua assimilação e não provocando-lhe tédio e cansaço com músicas que, não obstante serem por vezes regularmente executadas, não despertam, todavia, o inteno de sensação que sempre produzem as partituras calhadas no ouvido e na alma do povo,—música ligeira, expressiva, brincada de canto e de sentimentalidade melódica, música, emfim, onde o povo sinta saltar-lhe o coração e pular-lhe a perna ao compasso da regência e do vibrar dos metais.

Ora vamos a ver se nos compreenderam.

De cócoras

O «Echos...», todo babado de adulação rialenga, noticia as corridas de Ascot, em Inglaterra, só porque a elas assistiram seus Amos e Senhores e as citará a imprensa inglesa, destacando:

«... Sua Magestade a Rainha Senhora Dona Augusta

Vitória, pela sua primorosa distincção e elegância das suas toilettes».

Devemos de concordar que o facto é de saliente efeito, se não para a causa, ao menos—para os figurinos! Que pobreza de cabeças!

Em desacôrdo

P.A., colaborador do «Echos...», pergunta:

«Não é uma provocação arrebatada à Igreja os seus bens e as suas liberdades, de que era legitima possuidora com o aprazimento da grande maioria da nação?»

Não senhor. Só ao povo, só à comunidade pública, só ao dominio útil do Estado êsses bens pertencem,—para que este mais equitativamente faça reverter o beneficio dèstes em prol das instituições dos pobres.

A Igreja capitalista é que não faz sentido, pois haja em vista que a sua ostentação... é a negação da sua própria doutrina.

Ha uma parte de direito na velha injustiça, sabemos, mas outro fim não tem as revoluções senão abater ficções vingadas pela força das maiorias narcotizadas e insipientes...

«De profundis»

O parlamento fechou. Antes assim. Haverá menos questões pessoais a explorar pelas galerias ciosas do escândalo nos arraiais contrários.

A imprensa pasquieira sofre nesta mutação politica. O parlamento era para ela um caudal fertilizante e apeteçido.

Foi-se o filão. E' necessario que procurem outro... para entreter.

No charco

Fala-se para aí, ás vezes, em partido monárquico, em opinião monárquica, em esperanças monárquicas, e a gente, à força de ouvir tal adejectivo, pergunta:—Mas quem são aqueles que tem saudades da defunta?

—E' a massa rural, indifferente e sem vontade própria?

—E' a massa urbana, desconfiada e espectante?

—E' a ala avançada do proletariado, que pensa largas e altas reivindicações?

—E' o comércio, a industria e a agricultura, que se viu no passado abandonada, olvidada, esquecida?

—E'... jora, quem nos manda enxertar mais interrogações, se todos percebem que essa coisa de monarquia só vive no caco dos falhados, dos snobs e mais daqueles que foram atingidos pela lei da Separação!

Quanto a partido—não há cadinho que o ligue.

Tenhamos nós os republicanos juízo e ponderação, e deixemos que as rãs levantem o seu clamor a Júpiter.

Mais esta!

O «Diario da Manhã», entre muita verrina, traz mais esta acusação ao regimen:

«... só os mandantes desta república não permitem o livre exercício da caridade!»

Oh! a santa caridade das «cannastras» exibida e reclamada nos «carnets» da sociedade elegante! Pobresinhos: vem aí a D. Caridade... aquela que, por causa da República, mandou fechar as cozinhas económicas de Lisboa! Beijai-lhe a mão perfumada... mas preservada com luva «dernier cri».

Sim, porque o vosso ósculo... põe nódoa, bem o sabeis!

GUIMARÃES

RIBA DE AVE

O Directório do Partido Republicano Português comunicou à Comissão Municipal Republicana desta cidade «que resolveu por si e pelo grupo parlamentar democrático não proteger nem consentir, antes contrariar a criação de qualquer concelho, e principalmente o de Riba de Ave, por causa da especulação que à volta do assunto se tem feito.»

Temos muito prazer em registar esta nota oficial do alto corpo dirigente do maior partido político, o único que tem neste concelho organização e que pode, portanto, assumir compromissos que sirvam a assegurar a integridade e defesa das velhas e legítimas prerrogativas desta terra.

Na última sessão da Câmara Municipal foi lido o seguinte telegrama:

«Tendo conseguido evitar que, após votação empate questão prévia projecto Riba de Ave, voltasse mais discussão Senado, única Câmara onde era possível vitória promotores dessa aventura, apraz-me agora participar que Senado acaba de encerrar sem tomar conhecimento tam insólito projecto morto duma vez para sempre, na pessoa de v. ex.º congratúlo-me com concelho de Guimarães por esta vitória sua causa.

Souza Fernandes.
Senador.

UM CONCERTO

III

O regato corre em direcção à casa formando-lhe um lagosito em frente e desviando-se logo. A casa pintada a verde, longe, ao fundo da rua, oculta-se n'um tufo de arvoredos, em que há um castanheiro colossal, uma laranjeira florida e um corpulento olmo. O tufo forma-lhe o fundo, no qual trepadeiras, como festões, se lançam de ramo a ramo.

Por entre a densa ramaria aqui, ali, há nesgas do céu do outono.

Adiantando-me passo a passo, pela rua fresca e areada. Demoro-me a olhar um fauno esverdeado que, tocando flauta, parece dançar muito alegre. Fica do lado direito, poisando naturalmente sobre o tronco dum vetusto carvalho cujas folhas o encobrem em parte. Defronte uma nimfa nua esconde-se na folhagem dum loureiro a ouvir tocar o malicioso deus, que a sentiu já, pois tem as orelhas erguidas como cão de caça. Assim, entre árvore e árvore, se mostram colocadas, com artística graça, figuras mitológicas que se correspondem, formando scenas do extinto Olympo.

Adiantando-me, passo a passo, como se fôra no recôncavo duma floresta consagrada, e, a cada passo, temo cortar a prece de alguma náiade que oferece a Juno as premicias da sua fonte, ou a invocação de algum coribante ofendendo a Hercules uma corôa de verdes louros, feita com as primeiras bagas.

O portão da quinta estava aberto quando eu atravessava o caminho. Muito curioso, encantado com tam fresca vivenda, sigo a ribeira do regato, subo à rua e vou vagarosamente, sob as árvores, admirando os faunos, as ninfas, as náiades e os coribantes, e eis-me defronte da casa verde que se oculta no tufo de arvoredos. E' um chalêsito suíço; tem bonitas janelas com persianas cor-de-canário... e eu, que rodeio a casa, paro. Uma está aberta.

Oh! oh!

A janela é a moldura; o quadro ei-lo.

Uma rapariga encantadora ageita-se ao piano, estende as mãos, compõe-se, vae tocar. Ao lado, um belo tapaz, defronte duma estante de música, firma a rabeça sob o queixo, pronto a começar o dueto.

Nas tapeçarias amarelas, que guarnecem luxuosamente o interior, as duas figuras, dois tipos deliciosos, tem um destaque de pintura italiana, encantador. Em frente, pela outra janela, o sol que bate a persiana, entorna oiro no aposento.

Cobre-se tudo duma luz paradisíaca, e tudo se prepara para lhes ouvir o concerto. Eis os ramos da laranjeira florida que entram pela janela; o olmo que sacode a sua farta cabeleira de folhas; e o castanheiro, árvore respeitável, que parece descançar mais sobre o tronco, como quem se senta em divan.

Psiih! psiih! o regato quer ouvir; os faunos já não tocam flautas; as ninfas não querem saber dos faunos. Um grande lebreu branco, que lá dentro se estende num felpudo tapete aos pés duma otomana, senta-se na posição de *diletante*, e, orelhas fitas, espera.

Dá sete horas um artístico relógio no silêncio fresco do aposento.

O pé do rapaz bate o compasso de entrada.

—Vá, ouve-se brando como latim de missa.

E duas notas sonoras, de piano de Erard, fazem estremecer os ouvintes, e a rabeça entra logo e chora, e canta, e soluça um

dos pedaços mais belos de Mozart.

Ele entusiasma-se, dá com a cabeça, bate o compasso fortemente, e tira notas vivas, lágrimas, risos, gritos de contentamento e de dôr.

As mãos da mulher confundem-se com a brancura virginal das teclas. Tocam, tocam.

A *preghiera* acentua-se: geme-se qualque coisa de celeste em país misterioso de rosas: saudades de infinitos voam das notas: choram-se coisas divinas e perdidas, mas logo esperam-se coisas perdidas e divinas. E a rabeça compreende, soluça, diz, encarna a alma de Mozart.

E' de ver como os ramos da laranjeira entram mais pela janela, como o olmo sacode impressionado a sua cabeleira de folhas, e o castanheiro respeitável me inveja o ter eu mãos e boca e exclaimar entusiasmado, batendo palmas:

—Bravo! bravo!

Suspendem, param, olham e vendo-me, o rapaz vem à janela e diz-me prazentemente:

—Obrigado.

Ela, que me juiga amigo do marido, corre à porta e pede-me amavelmente que entre.

Entro, sento-me, ageito-me na otomana. O lebreu olha-me com olhos de quem me repreende por ter interrompido o concerto que, incidente passado, continua como se eu ali não estivesse.

O pé do rapaz marca o compasso de entrada:—Vá. E a alma de Mozart enche de novo o aposento, e chora, e soluça, e péde, e logo canta, e brinca, e ri-se, fazendo nos rir, brincar, cantar, e logo pedir, soluçar, chorar. As mãos da rapariga correm dum lado a outro o teclado, baralham-se, trocam-se e confundem-se com o marfim das teclas. A bela cabeça do artista segue entusiasmadamente as evoluções da cadência, e as notas, notas frescas, bellissimas, uma alavião de notas, *bouquet* de génio luminoso, vibram no ambiente e caem sobre a minha alma como uma chuva de pétalas olorosas.

—Bravo! bravo!

Os instrumentos calam-se, terminam. Os dois sentam-se ao pé de mim.

—Se sou amante de música?

—Oh!

E faço um elogio sincero aos executantes e a Mozart, e, depois dumas anedotas sobre o maestro, como os não conheço, explico-me.

Sou o herdeiro das minhas tias ricas. Talvez saibam? As Souza, dos Bicos.

Ela tem uma ideia de ter ouvido falar nas minhas tias dos Bicos. Ele pensa um bocado, a mão na testa.

—Não, não tem.

—Pois são doidas por mim, mais que doidas; e, como sou seu herdeiro, chamaram-me para ver as suas propriedades que serão minhas, talvez em breve, quem sabe.

Caço: divirto-me pelas manhãs caçando. Mas confesso-lhes sinceramente que nunca cacei coisa alguma: um simples pretexto para cedo abandonar a cama e correr montes e vales com a espingarda ao ombro e atraz de mim um cão que deixei estafado a ressonar à porta. E como atravessava o caminho e o portão estava aberto, entrei curiosamente a admirar os faunos, que tocam flautas, e as ninfas que se escondem nas folhas; e encantado com as belezas do artístico parque, avanço passo a passo até a casa, defronte da qual me fico, como

colado, a ouvi-los tocar... que me perdoem.

O! como eles riem! como são francos, sinceros, joviais! e como se mostram reconhecidos por lhes entrar assim pela propriedade dentro!

Amigos velhos já, convidam-me para almoçar.

—Pois não! aceito; obrigadíssimo.

E vou almoçar com eles.

Do livro PROSAS SIMPLES de Guilherme Gama.

O CARTAZ

Pode um humilimo fazedor de gazeta provinciana deixar de emitir a sua opinião sobre um determinado trabalho artístico, quando mais não seja escudando-se para isso na escusa de que não é matéria da sua competência. Quando, porém, se dá o caso de nos pedirem essa opinião — como agora o faz o autor do cartaz anunciador da grande romaria de S. Torquato — o remédio é tirarmo-nos dos cuidados e ir perguntar aos autorizados que nos esclareçam, que nos digam se já viram o cartaz anunciador, ganhando neste pretexto ocasião para lhes *caçar* a opinião desejada.

Para o caso abordamos Abel Cardozo, que poz nestas poucas palavras aquilo que pensa desse trabalho litográfico na quarta-feira aí afixado:

—«A figura que domina o cartaz é feliz: poisa bem e tem expressão. Dos outros motivos que o guarnecem não é mau o desenho, embora falte um pouco de harmonia no conjunto. A própria coloração não é má: é bem batida de luz, como convêm a trabalhos desta natureza...»

E estava dito tudo.

Por nossa parte nada temos a acrescentar, pois a referência pedida encontra-se nas poucas, mas autorizadas palavras dum Artista.

Oferecemo-las, com os parabens devidos, ao seu autor A. Rosário, director técnico da «Litografia Aurora» da cidade do Pôrto, e nosso dedicado amigo.

Esta referência deve ser para êle um estímulo... e uma compensação — se compensações existem que suavistem a sorte macaca que o perseguiu.

Pela instrução

Reuniu o conselho superior do instrução pública sob a presidência do sr. dr. Queiroz Veloso. Tratou especialmente da entrega às câmaras municipais e juntas de paróquia dos títulos que fazem parte dos donativos ou legados destinados à instrução primária, propondo ao ministro as providências necessárias para que êses títulos sejam transferidos da posse da fazenda pública para aquelas corporações.

Este concelho tem algumas pretensões deste teor, lembrando-nos, entre outras, do legado feito à escola de S. Martinho, que é na importância de 13 contos, e ainda o legado Conde Agrolongo, escola de S. Lourenço de Sande, que é de 9 contos em títulos nominiais.

Bom é, pois, que êste assunto

seja brevemente resolvido, pois nem de outro modo se compreende, que, havendo-se feito a descentralização do ensino, ainda o estado aufera rendimentos provenientes da iniciativa particular, pois além da flagrante injustiça do facto, êle reverte em manifesto prejuizo das localidades interessadas.

Comissão Executiva
DA
Câmara Municipal

Sessão ordinária de 1 de Julho de 1914

Sob a presidência do cidadão vereador Clemente Dias Pereira, e com a presença dos cidadãos vereadores efectivos Justino Ferreira, Joaquim Cardoso e Coelho Pinto; substitutos Lopes Correia, Pereira Silvério, Ribeiro Dias e António J. Ribeiro, pelas 21 horas foi declarada aberta a sessão.

BALANÇO

Na Caixa Económica; 5:183\$92.
Em cofre; 1:897\$44.

OFÍCIOS

Do sr. Inspector dêste círculo oferecendo-se para quaisquer indicações que a Câmara precise, visto que em conformidade com o artigo 70 do decreto de 29 de Março de 1911, as Câmaras Municipais tem de enviar ao Ministério de Instrução um relatório circunstanciado da sua gerência nos meses de Março a Setembro. Inteirada.

—Da professora de Azurêm, comunicando achar-se doente. Inteirada.

—Do professor primário de S. Torquato, informando que tem de estar encerrada a escola desde o dia 1 a 7, por ter o respectivo proprietário de utilizar-se do prédio onde ela funciona. A Câmara concorda, visto o prédio ser cedido gratuitamente.

—Do professor primário Manuel José Pereira, enviando a nota dos professores que tomaram parte no passeio a Braga. Inteirada.

REQUERIMENTOS

Dos professores primários de Creixomil, Aباção, S. João das Caldas e S. Martinho de Candoso, pedindo diplomas de encarte.

Deferido.

—De Manuel Leite, de Gêmeos, pedindo para reformar uma canalização pertencente ao casal do Assento.

A informar à Junta.

—De José Luis Carlos Soares, de S. Jorge de Selho, pedindo para reformar um pano dum prédio em ruínas.

Deferido.

—De João Gomes da Costa, de S. Miguel das Caldas, pedindo para aumentar ao seu rebanho mais 23 cabras.

Deferido.

—De Joaquim de Souza Neves, desta cidade, pedindo para lhe ser canalizada a agua e para lhe ser concedido ocupar uma porção de terreno na praça do mercado, para vendagem de pão.

Aos srs. vereadores dos respectivos pelouros.

—De Luis José de Abreu, de Famalicão, pedindo para reformar uma casa na rua do Dr. Avelino Germano.

Ao sr. vereador.

—De José Maria Gomes Alves, chefe da secretaria municipal, informando achar-se doente, como prova por atestado médico.

Inteirado.

—De José Lima, de Serzedo, pedindo para mandar aplicar uma multa a Joaquim Ribeiro, por deixar ir pastar uma cabra na sua propriedade.

Deferido.

—De José Dias Pereira de Le-

mos, de Vizela, pedindo licença para colocar um tolde.

Deferido.

—De Arnaldo Pereira Moutinho, pedindo licença para empregar um pôço, já aberto, na freguesia de Polvoreira.

A' Junta.

—De Domingos Carvalho Prado, cortador de carnes verdes na praça do mercado, pedindo para não lhe ser aplicada uma multa que ultimamente lhe foi imposta pelos empregados dos impostos por falta de marca da inspecção sanitária numa carne de cabrito, alegando diversas razões para sua defeza.

As sr. vereador Coelho Pinto, para proceder a averiguações e propor o que for de justiça.

—Foi presente o processo de arrematação duma parcela de terreno, no lugar do Outeiro da Meã, freguesia de Rendufe, desnecessário ao município, sob a base de licitação de 39\$20.

Foi arrematado por João Manuel dos Santos, por 40\$50.

PARTICIPAÇÃO

O guarda dos impostos da povoação de Vizela participa diversas irregularidades havidas na iluminação pública daquela povoação. Ao sr. vereador do pelouro de Vizela.

DELIBERAÇÕES

Deliberou mandar o fiscal das obras, com o advogado, verificar qual o terreno que pertence à Câmara no lugar de Belos Ares, freguesia de Mezaño-frio.

—Deliberou officiar à Junta de Paróquia da freguesia de S. Miguel das Caldas informando-a que terminando em Setembro o arrendamento da escola do sexo masculino, e achando-se esta em más condições, a Câmara não revoga o arrendamento, pedindo por isso à aludida Junta para lhe indicar uma casa nas condições para evitar o seu encerramento.

—Deliberou-se officiar novamente, ao proprietario da escola de Aباção para que mande fazer as obras conforme a intimação já feita.

—Deliberou-se officiar à Junta Paroquial de Lordelo, para informar qual o direito que tem com respeito a baldios.

PROJECTOS

Para reparação e melhoramento de um muro de suporte e construção de um aqueduto para esgôto das águas do subsolo da estrada da Costa à Penha.

A' Comissão deliberativa.

—Reparação e melhoramento do caminho público no lugar dos Cachos, freguesia de S. Cosme da Lobeira.

A' Comissão deliberativa.

Sendo 24 horas foi encerrada a sessão.

Novas firmas

O nosso presado amigo sr. José Mendes da Cunha, proprietário, em Gouveia, duma importante fábrica de lanifícios, participa-nos, em circular, que por escritura pública associou à mesma fábrica o seu parente sr. José Maria de Almeida Vizeu, afim de, com os largos conhecimentos técnicos e especiais que desta indústria tem o seu associado, à mesma lhe imprimirá maior e mais progressivo desenvolvimento.

Também do Pôrto nos comunica o sr. Carlos Marques de Freitas, antigo empregado viajante da firma Santos Coelho, que vai abrir estabelecimento à rua de S. João, 1 a 11, explorando o mesmo ramo de negócio, que é mercearia.

Os Dias Santos

Oferece interesse verificar até que ponto se cumpria o preceito de guardar os dias santificados.

Quando o concelho de Lisboa estabeleceu em 1835 as providências a que já nos referimos, para acabar com as práticas supersticiosas, fêz também postura contra os que deixassem de guardar o domingo e mais dias santificados, cominando contra os infractores penas pecuniárias ou corporais, não tendo êles com que as pagar em dinheiro, até à terceira reincidência, em que seriam sempre castigados com prisão. Essa postura ou outras sobre o mesmo objecto vigoravam em 1439 em Lisboa, e eram os almotacés que as julgavam.

No seculo XIII, já desde o seu começo, o mandamento dos canones, para que se guardassem as férias divinas, supomos que não se applicava sempre com grande rigor da parte dos poderes civil e eclesiástico, havendo exemplos de se estabelecerem mercados ou feiras ao domingo, parece que sem opposição dos prelados. E, comtudo, não só a antiga lei civil da Península impunha com penas severas a abstenção de trabalho nas férias divinas, mas ainda no seculo XI cremos que não era costume geral fazerem-se os mercados públicos ao domingo; pelo menos em Leão o mercado era então e desde antigos tempos á quarta-feira. A abstenção de trabalhar ao domingo recomendou-a também expressamente o concilio de Coyanza de 1050, canon 6, sujeitando o que faltasse a êste dever a uma penitência, se fôsse pessoa qualificada (*si major persona fuerit*), seria privado da comunhão por um ano, e se fôsse de inferior condição receberia cem açoites.

Desde o seculo XIV, porém, começaram a olhar mais pela observância rigorosa do preceito. Desde então vemos os monarcas, de conformidade com as diligências dos prelados e contra a vontade dos povos, mudarem os dias de feiras, que no seculo anterior se tinham criado com declaração expressa de se poderem fazer ao domingo; e não se encontrando no direito municipal mais antigo nenhuma disposição acerca da guarda dos dias santos, desde os fins do seculo XIV principia a notar-se a intervenção da governança dos concelhos neste assunto.

Em 1401, o concelho do Porto

determinou que os mestrais não trabalhassem desde sábado ao sôl posto até segunda feira, *sól saído*. Havia em Cezimbra posturas análogas, que em 1429 se chamavam antigas; mas aqui os pescadores tinham licença do arcebispo de Lisboa para pescar aos domingos e dias santos, uma vez que ouvissem missa antes de principiar o seu trabalho, e dessem para a fábrica da igreja da vila a dízima do pescado. E a êste respeito houve renhidas questões, entendendo os pescadores que do peixe morto na véspera à noite não tinham de dar a dízima. Levada a contenda ao vigário geral, resolveu êle, em provisão de 2 de Maio de 1426, que era obrigada a dízima a pescaria feita desde o sôl posto da véspera do dia santo até noite cerrada dêste dia. Mas os pescadores não cederam logo. Houve novas queixas do prior e dos outros interessados na arrecadação do imposto; e afinal, por sentença da relação do arcebispo; de que se passou instrumento em 21 de Janeiro de 1429, foi confirmada a provisão do vigário geral, irrogando-se contra os desobedientes a pena de excomunhão e a perda das pescarias e das redes.

Guardar os dias santificados era preceito que também impunha o código afonsino; mas nem a lei geral nem os estatutos municipais eram bastante eficazes. Nas côrtes de Lisboa de 1459 queixam-se os povos de que os cristãos não deixem de trabalhar aos domingos e dias festivos, desprezando o exemplo dos infieis que bem sabem guardar os seus dias; e a isto responde Afonso V que proveja cada concelho com as suas ordenações e posturas como lhe parece melhor, pertencendo ao município as multas que estabelecer.

Gama Barros.

Como se acaba de ver, outra não guardar um dia santo era incorrer nas penas de prisão, multa, açoites, privança de sacramentos, excomunhões, etc.

Hoje, o número dos dias santos é reduzido ao mínimo em virtude das exigências do industrialismo moderno, de passo que se suavizam as penas teológicas, — mercê, sem dúvida, dêste espírito de liberalismo e de tolerância que em rajadas redentoras a tudo imprime a sua influência moral, progressiva e civilizadora.

Mas há de existir pó aí quem tenha saudades pelos costumes dêsses tempos afastados.

REPORTAGEM

Falecimento

Faleceu no Sanatório da Guarda, aonde estava em tratamento, o sr. Alvaro Lopes Guimarães, antigo cabo na policia.

O cadáver foi conduzido ontem para esta cidade.

Também morreu uma filhinha do nosso amigo António da Fonseca e Castro.

A's familias o nosso pesar.

Doente

Esteve ontem em estado grave o solicitador sr. João Alves Pimenta, que se encontra doente há já algum tempo.

Exames

Realizaram-se no passado dia 30 os exames em provas públicas do 1.º e 2.º ano do curso de comércio no Internato Municipal, sob a presidência do digno Inspector Escolar, ficando aprovados os alunos Joaquim Ribeiro, José Ribeiro e Pedro Pinto.

Luz sistema Wizard

E' a luz sistema Wizard a que tem combatido todos os sistemas de iluminação. E porque? Por ser a mais prática, a mais barata, a mais simples, a mais económica, a mais elegante, a mais resistente e, sobre tudo, a única que acende com um fósforo. O seu consumo é um litro de gasolina em vinte e quatro horas, numa lâmpada com o poder iluminante de 500 velas.

Pedir informações ao correspondente em Guimarães, Joaquim Cardozo — 102, Praça de D. Afonso Henriques, 103.

Romaria de S. Torquato

No próximo domingo realiza-se a tradicional romaria de S. Torquato, denominada romaria grande, considerada a primeira do Minho.

Artigo do fundo

O editorial dêste n.º, em artigo do fundo, é do importante diário—«O Mundo».

Preço dos cereais

No último mercado, o preço dos cereais foi o seguinte:

Milho branco, o alqueire, 820; amarelo, 800; alvo, 1300; centeio, 680 feijão branco, 1700; moleiro, 1550; amarelo, 1550; fradinho, 1100; pãoço, 1200; batatas, 550; galinhas, 700; ovos, duzia, 160.

SENADO VIMARANENSE

Sessão extraordinária de 26 de Maio de 1914

Pelo sr. vice-presidente foi posto em discussão o segundo assunto para que foi convocada esta sessão extraordinária—«mudança das feiras da cidade dos lugares onde actualmente se realizam», dando a palavra a qualquer sr. vereador.

O sr. vereador Mariano Felgueiras fez a seguinte

PROPOSTA

«Considerando que o local de uma feira só deve ser mudado por motivos de reconhecida conveniência geral, e não para satisfazer interesses duma pequena parte: Considerando que a mudança da feira de gado bovino para o Campo de D. Afonso Henriques apenas convém aos interesses de tres ou quatro tabernas que naquele Campo ou suas proximidades es-

tão instaladas. Considerando que a referida feira foi mudada para o local onde actualmente se realiza por se ter verificado, com o apoio da Associação Commercial, que essa mudança trazia grandes vantagens para o Comércio da cidade em geral: Considerando que a mudar-se a feira de gado bovino não trará talvez como natural consequência a mudança da feira dos cereais para o largo de S. Francisco, que a experiência mostrou ser impróprio para êsse fim. Considerando que o lugar destinado desde ha muito para a feira dos cereais é o largo do Anjo depois de ser devidamente ampliado; Considerando que o Campo de D. Afonso Henriques está destinado a fazer parte do Parque Circundando o Castelo, e que logo que comecem as obras do Parque a feira, se lá estiver funcionando, de novo tem de ser mudada. Considerando que é certo ser acanhado o local onde a feira actualmente se realiza, mas, atendendo a que não será difficil conseguir nas proximidades terreno com as dimensões indispensáveis e que assim tudo se remediará sem prejuizo para os feirantes nem para o Comércio geral da cidade;

Proponho que a Comissão Executiva da Câmara Municipal de Guimarães seja convidada a adquirir por aluguer ou compra terreno nas proximidades do Campo da República do Brazil para nele se realizar a feira de gado bovino, no praso máximo de cinco meses, e que, entretanto, a feira se mantenha no mesmo local onde se tem realizado.

O sr. vereador Lerdeira Guimarães—pedindo a palavra fez a seguinte

PROPOSTA

A Câmara, ouvidas as explicações prestadas pelo Cidadão Mariano Felgueiras, muito digno Presidente da Comissão Executiva, dá-se por satisfeita, mas, mantém, todavia, a deliberação tomada na sua sessão de 15 de Abril próximo passado. Atendendo a que subsistem as razões muito de atender que levaram a Câmara a resolver que a feira de gado bovino e suíno fôsse mudada do Campo da República do Brazil, para o Campo de D. Afonso Henriques; proponho que seja mantida a deliberação tomada pela Câmara em sessão de 15 de Abril próximo passado que mudou a feira de gado suíno e bovino para o Campo de D. Afonso Henriques, e que a feira de cereais, que actualmente se realiza no Campo da Misericórdia, seja mudada para o largo de S. Francisco, e ainda a feira das alfaias agricolas seja mudada para o largo da Misericórdia.

Sessão extraordinária de 27 de Maio de 1914

O sr. vereador Mariano Felgueiras, pedindo a palavra, propoz que antes de se tratar dos assuntos para que foi convocada esta sessão, se enviasse ao illustre senador Souza Fernandes o seguinte

TELEGRAMA

«Câmara Municipal de Guimarães reunida em sessão extraordinária resolveu pedir a V. Ex.ª que em nome do concelho de Guimarães protesta contra a criação do concelho de Riba de Ave que é contrária à opinião dos povos das freguesias como que se projecta formá-lo e muito prejudica interesses dos três concelhos Famalicão, Guimarães e Santo Tirso.

Aprovado por unanimidade.

O sr. vice presidente disse que os assuntos a tratar nesta sessão eram:

1.º O abastecimento de carnes verdes na povoação das Caldas das Taipas;

2.º Tomar conhecimento do

orçamento suplementar ao ordinário do corrente ano, dando-lhe a sanção que merecer; e

3.º Deliberar o que se lhe oferecer acerca do encerramento da Escola Central do sexo feminino.

Posto à discussão o primeiro assunto, abastecimento de carnes verdes na povoação das Caldas das Taipas, pediu a palavra o sr. vereador Mariano Felgueiras, e, fazendo um largo relato acerca do modo como actualmente é abastecida de carnes verdes a povoação das Caldas das Taipas, mostrou à evidência, apoiado em informações officiais que colheu das autoridades sanitárias, que o sistema em prática é o mais consentâneo aos interesses do município e que mais se harmoniza com as rigorosas disposições das leis sanitárias que muito são de atender. Concluiu por ser de parecer que a câmara deve deliberar, muito positivamente, que toda a carne exposta á venda em qualquer localidade do concelho deve ser proveniente de gado abatido no matadouro público, como expressamente se preceitua nas leis vigentes de sanidade e municipais.

Continua.

CONCURSO

A Junta de Paróquia da freguesia da Oliveira, desta cidade, faz público que abre concurso documental por espaço de quinze dias, a contar da 2.ª e última publicações dêste anúncio, para provimento do lugar de secretário da mesma Junta, com o vencimento anual de 24\$00, já inscrito no respectivo orçamento.

Os concorrentes apresentarão na secretaria da Junta, dentro daquele praso, os seus requerimentos devidamente reconhecidos e acompanhados de documentos que provem:

- Serem maiores;
- Estarem inscritos como eleitores no recenseamento político desta freguesia;
- Terem bom comportamento;
- Não se acharem pronunciados em juizo por qualquer crime.

Guimarães, secretaria da Junta de Paróquia da Oliveira, 2 de Junho de 1914.

O presidente,

(a) Avelino de Faria Guimarães.

VENDE-SE

Uma casa de habitação, cita na Travessa de Camões n.ºs 23 a 25, construida de pedra, completamente nova, composta de dois andares com salas, quartos e água furtada.

As trazeiras bastante desafogadas e com lindas vistas, confrontam com uns quintais.

Tratar com o próprio dono, António Marinho, Hospedaria Pinheiro.

PREDIOS

Vende-se a casa situada na Praça de D. Afonso Henriques, tendo entrada tambem pela rua Dr. Avelino Germano. E' um magnifico predio proprio para commercio e onde actualmente existe o estabelecimento de José Gonçalves Barroso.

Tambem se vende a propriedade denominada de Brense de baixo, com respectivas pertenças, na freguezia de Pinheiro desta comarca.

Recebe propostas o solicitador Francisco de Faria, na Praça de D. Afonso Henriques 66—Guimarães.

A OBRA DA REPUBLICA

OS RESULTADOS GLOBAIS DO ORÇAMENTO PARA 1914-1915

Total das receitas	83.390.965\$30
Total das despesas	79.649.140\$34
Saldo	3.741.824\$96
Reservado dêste saldo para a defesa nacional	2.500.000\$00

O saldo calculado pelo sr. dr. Afonso Costa em 14 de Janeiro de 1914 era de 3.392:764\$72.

Aumentou portanto ainda o saldo de 349.060\$24.

Horário dos combóios

Ascendentes

ESTAÇÕES		* Rápido		* Correo		** Domingos e dias fer.	
		Diário	Dias úteis	Diário	Dias úteis	Diário	Dias úteis
Linha de Guimarães	FAFE	P. 4,50	7,15	12,28	16,05		
	Guimarães	C. 5,43	8,08	13,21	16,58		
	"	P. 5,51	8,16	10,49	13,29	19,57	21,30
	Vizela	P. 6,12	8,53	11,13	13,49	17,30	20,18
	Lordelo	P. 6,23	8,43	11,25	14,00	17,42	20,30
Linha do Minho	Negrellos	P. 6,38	8,54	11,41	14,14	17,57	20,44
	Santo Tirso	P. 6,59	9,13	12,02	14,35	18,19	21,04
	Trofa	C. 7,19	9,30	12,25	14,54	18,39	21,25
	Valença	P. 3,23	6,75	13,20	15,25	16,40	18,50
	Viana	P. 5,21	8,10	10,25	14,28	16,57	19,21
L. da POVOA	Braga	P. 6,07	8,35	11,52	14,55	17,43	20,04
	TROFA	P. 7,00	9,44	12,41	15,54	18,57	21,47
	Porto	C. 8,56	10,30	13,22	16,39	19,56	23,04
	Trofa	P. 8,06	9,46	15,05	19,58		
	Braga	C. 8,56	11,15	15,58	21,29		
Norte	Viana	C. 8,31	11,47	16,26	22,33		
	Valença	C. 10,50	13,19	17,31	23,33		
	POVOA	C. 8,51		17,20			
	Porto	P. 8,35		15,48	17,54	19,57	
	Campanhã	P. 8,48		16	18,05	20,30	
Lisboa	C. 14,31		1,13	23,53	6,25		

Descendentes

ESTAÇÕES		* Rápido		* Correo		** Domingos e dias fer.	
		Diário	Dias úteis	Diário	Dias úteis	Diário	Dias úteis
Norte	Lisboa	P. 18,55	21,35	21,35	8,30		
	Campanhã	C. 0,19	7,35	7,35	14,07		
	Porto	C. 0,32	7,50	7,50	14,17		
L. Minho	Porto	P. 4,30	7,26	7,44	8,43	14,18	17,10
	Trofa	C. 5,43	8,06	8,35	9,42	15,03	17,50
	Trofa	P. 5,51		8,36	9,46	15,05	17,52
	Braga	C. 7,44	8,56	9,50	11,15	15,58	18,58
	Viana	C. 8,31		10,25	11,47	16,26	19,20
L. da POVOA	Valença	C. 10,50		13,19	17,31		0,17
	POVOA	P. 4,35		8,03			16,35
L. de Guimarães	TROFA	P. 6,35	8,11	8,47	9,58	16,10	18,00
	Santo Tirso	P. 6,57	8,31	9,11	10,20	1,635	18,18
	Negrellos	P. 7,18	8,54	9,29	10,41	1,656	18,35
	Lordelo	P. 7,33	9,08	9,41	10,54	1,711	18,46
	Vizela	P. 7,48	9,24	9,54	11,08	1,726	18,58
	Guimarães	C. 8,07	9,44	10,13	11,27	1,744	19,14
	"	P. 8,18		11,34	17,52		21,36
	FAFE	C. 9,13		12,28	18,47		22,32

- * Paragem de 1 minuto em Espinho, Madalena, Covas, Penha, Cepães e Palmeira
- Idem em Espinho, Madalena, Covas e Cepães.
- ◆ Idem em Madalena, Covas e Cepães.
- Idem em Espinho, Madalena e Covas.
- Idem em Espinho, Madalena, Covas e Palmeira.
- Idem em Cepães.

Livraria editora
GUIMARÃES & C.

Augusto I. da Cunha Guimarães

Colecção Horas de Leitura

Ultimos volumes publicados (a 200 réis):

22. A Dama das Camélias, de Dumas, filho (4.ª ed. ilustrada)—47. História de um beijo, de Eschrich (2.ª ed.)—73 e 74. A Obra, de Zola—75. Geneveva, de Lamartine—76. Um filho do povo, de Eschrich—77 e 78. O crime do padre Muret, de Zola—79. Casamentos fidalgos, de Feuillet—18. O Rosquedo, de Delfim Guimarães (2.ª ed.)—80. Amor Trágico, de Abel Hermant—81. A Religiosa, de Diderot—82 a 84. Ana Karenine, de Tolstoi—85 e 86. A besta humana, de Zola—87. O Pescador d'Islandia, de Loti—88. O Refúgio, de Cesar Pôrto.

A Publicar:

Deus e o diabo, de Karr—Fromon, Jr., de Daudet.

Colecção Sociológica

(Ultimos volumes publicados (a 300 réis)

VI. A dor universal, de S. Faure—VII. O amor livre, de Carlos Albert—VIII. O sindicalismo, de H. Leone—IX. A sociedade futura, de J. Grave—X. Palavras dum revoltado, de P. Kropotkine—XI. O capital, de Carlos Marx—XII. Psicologia do militar profissional, de Hamon—XIII. A caminho da união livre, de Naquet.

A sair:

Como falava Zaratustra, de Nietzsche—A grande revolução, de Kropotkine.

Colecção Vitor Hugo

Volume publicados (a 200 rs. brochados e 320 rs. encadernados)

1 e 2. Os homens do mar—3 a 5. O homem que ri—6 a 13. Os miseráveis 14 e 15. Noventa e três—16 a 18—N.ª Sn.ª de Paris.

A sair:

Bug Jargal—Han-d'Islandia.

Colecção Alegre

Ultimos volumes publicados (a 300 réis)

IV. Histórias garotas, de A. Silvestre—V. Amores e aventuras, de Casanova—VI. Diabruras da mãe Eva, de A. Silvestre—VII. Monstros parisienses, de Catulo Mendés—VIII. e IX. Amores de Fabulas.

Atelier de costura

DE
MARIA PASTOR
Rua de S. Dâmaso
GUIMARÃES

Executa toda a toilette de senhora e criança pelos últimos figurinos.

PREÇOS MODICOS

A LUZ DO SOL Sistema WIZARD é a melhor luz do mundo.

A luz sistema WIZARD além de ser muito económica e muito simples é também a mais barata até hoje conhecida em Portugal.

Serve tanto para o interior como para o exterior de qualquer habitação.

Iluminai as vossas habitações e tereis o sol em casa pois VIZARD é a última palavra sobre iluminações intensiva.

Cada lâmpada tem o poder iluminante de 500 velas e acende com fósforos como o gaz e o seu consumo é um litro de gazolina em 24 horas.

O maior sucesso da actualidade!!

Maravilhoso sistema de iluminação!!

Pedir informações ao correspondente em Guimarães

J. Cardoso Guimarães.

Instituto Médico-Dentario

Dr. Gonçalo de Moura e Lopes da Silva

SUCURSAL EM Guimarães

LARGO DA MISERICÓRDIA, 4

CONSULTAS às quintas sextas-feiras.

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamelas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato.

Seriedade e segredo.

O proprietário,

João Vellozo de Araujo.

Antiga Merceria e Confeitaria

Da Porta da Vila

—DE—

António de Sousa Guise

Especialidade em queijo, vinhos em barril e engarrafados, ditos de Provezende, licores genebras e cognacs nacionais e estrangeiros, conservas, massas de todas as qualidades, doce fino, bolachas nacionais e estrangeiras, fructas secas e caldeadas, arroz, açúcar, bacalhau, chocolate, etc. Depósito de vinhos da Companhia Vinicola.

Manteiga especial da Praia de Ancora
24, Rua da República, 28 — GUIMARÃES

Sortido variado em bolacha inglesa—Café puro especial.
Sortido completo em farinhas—Chá fino, preto e verde

Depositário das águas e refrigerantes do SAMEIRO

Officina e Depósito de Guarda-sóis e Bengalas

DE
Manuel Lopes Ferreira dos Santos
67, TOURAL, 69
(Antigo largo dos Cestos)
GUIMARÃES

Acha-se esta officina instalada no Toural, 67, 68 e 69, casa aonde esteve a antiga chapelaria do sr. Francisco Agostinho Cardoso de Lemos. Nela se vendem, fazem e concertam bengalas e guarda-sois em preto e côr para homens e senhoras.

Concertos rápidos. Perfeição. Preços módicos.

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura		Preço das publicações	
Ano	1\$200 rs.	Anuncios e comunicados, por linha	40 rs.
Semestre	600 "	Repetição, por linha	20 "
Brazil, ano (moeda forte)	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.	
Número avulso	80 "	Anuncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

Do Cidadão

INSTITUTO DE "ASEPSIA,"

Laboratório de análises clínicas e de esterilizações

Sob a direcção técnica do analista Manuel Jesus de Sousa

50, R. da República, 54-1.º—GUIMARÃES

Análises de urinas, escarros, sangue, puz, leite, vinho, vinagre, queijo, manteiga, etc.

Preparação de empolas medicamentosas diversas, sôros em empolas vulgares e auto-injectoras, kefir, leite maternizado, etc.

Desinfecção de pensos e ferros cirúrgico pelo método de Pasteur.